

A RELAÇÃO FEMINISMO E FENOMENOLOGIA NO CONTO *DUAS PALAVRAS*, DE ISABEL ALLENDE

Lucilene Machado Garcia Arf*
Tarissa Marques Rodrigues dos Santos**

Resumo: Este trabalho é o resultado da leitura fenomenológica do conto “Duas Palavras” de Isabel Allende, aberta para um debate crítico com outras áreas do conhecimento, neste caso o feminismo, durante o oferecimento da disciplina Leitura e Recepção de textos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços-Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. “Duas Palavras” foi escrito pela escritora e jornalista chilena Isabel Allende e faz parte da obra *Contos de Eva Luna*, lançado pela primeira vez em 1989, que traz uma memorável coletânea de histórias sobre mulheres, narradas sob a estética da delicadeza dentro de uma concepção social selvagem. Questões políticas mescladas ao universo lírico-amoroso, o coletivo em confronto com o pessoal, memórias, feminismo e até algumas concepções do realismo fantástico latino-americano compõem o tecido literário dessa obra. Este conto que é considerado o mais representativo da coletânea, aborda o amor, a pobreza, o machismo e, principalmente, o poder feminino para manipular as palavras e usá-las como arma no enfrentamento da violência engendrada pelos homens. A narradora apresenta a personagem principal Belisa Crespusculário representando a figura da mulher latino-americana em busca ainda de sua identidade. Mesmo sob o domínio e os

* Doutora em Teoria Literária pela UNESP/São José do Rio Preto. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atuando no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços-MEF. E-mail: lucilenemachado@terra.com.br.

** Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestra em Estudos Fronteiriços pela mesma universidade. E-mail: tarissamarques@gmail.com.

preceitos do patriarcado, essa figura feminina forte e resistente que consegue ultrapassar montanhas e desertos, fome e sede e tantas outras barreiras em seu percurso feminino, termina refém do patriarcado, o que permite uma profunda crítica social e política. Para a elaboração deste trabalho, utilizamos como embasamento teórico as orientações de autores como BEAUVOIR (1970) STEARNS (2012), BORDIEU (2017) e a ativista boliviana JULIETA PAREDES (2013) que abordam a verdadeira dimensão da mulher que rompe com os estereótipos tradicionais que precisam estar dentro de limites mais amplos e enfrentar os preconceitos, o racismo, a violência legitimizada pela sociedade falocêntrica.

Palavras-chave: Literatura de mulheres; literatura latino-americana; resistência; fenomenologia.

LA RELACIÓN FEMINISMO Y FENOMENOLOGÍA EN EL CUENTO *DOS PALABRAS*, DE ISABEL ALLENDE

Resumen: Este trabajo es el resultado de la lectura fenomenológica del cuento “Dos Palabras” de Isabel Allende, abierta a debate crítico con otras áreas del conocimiento, en este caso, el feminismo, durante el curso Lectura y Recepción de textos, del Programa de Posgrado en Estudios de Fronteras-Maestría de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul. “Dos palabras” fue escrito por la escritora y periodista chilena Isabel Allende y forma parte de la obra *Cuentos de Eva Luna*, estrenada en 1989, que aporta una memorable colección de relatos sobre mujeres, narrados bajo la estética de la delicadeza, dentro de una concepción social salvaje. Cuestiones políticas mezcladas al universo lírico-amoroso, lo colectivo en confrontación con lo personal, los recuerdos, el feminismo e incluso algunas concepciones del realismo fantástico latinoamericano que conforman el tejido literario de esta obra. Este cuento, considerado el más representativo de la colección, trata del amor, de la pobreza, del machismo y, principalmente, del poder femenino para manipular las palabras y utilizarlas como arma para enfrentarse a la violencia engendrada por los hombres. El narrador presenta la protagonista Belisa Crespusculário como una representación de la figura de la mujer latinoamericana en busca de su identidad. Incluso bajo la dominación y los preceptos del patriarcado, esta figura femenina fuerte y resistente que consigue superar montañas y desiertos, hambre y sed y tantas otras barreras en su camino femenino, acaba siendo rehén del patriarcado, lo que permite

una profunda crítica social y política. Para la elaboración de este trabajo, utilizamos como fundamento teórico los lineamientos de autores como BEAUVOIR (1970) STEARNS (2012), BORDIEU (2017) y la activista boliviana JULIETA PAREDES (2013) quienes abordan la verdadera dimensión de la mujer que rompe con los estereotipos tradicionales que necesitan estar dentro de unos límites más amplios y enfrentarse a los prejuicios, al racismo, a la violencia legitimada por la sociedad falocéntrica.

Palabras clave: Literatura femenina; literatura latinoamericana; resistencia; fenomenología.

Feminismo, fenomenologia e literatura: algumas discussões

Este trabalho é o resultado da leitura fenomenológica do conto “Duas Palavras” de Isabel Allende, aberta para um debate crítico com outras áreas do conhecimento, neste caso o feminismo, durante o oferecimento da disciplina Leitura e Recepção de textos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços-Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A relação entre fenomenologia e feminismo ainda é pouco explorada, mesmo que autoras feministas de grande representatividade já tenham tratado do assunto, como Hannah Arendt, Simone de Beauvoir e Edith Stein, para citar algumas. Embora a obra magna de Beauvoir tenha sido publicada há mais de 60 anos e outras autoras mais recentes com formação fenomenológica tenham dado contribuições fundamentais à teoria feminista, percebe-se certa resistência no momento de desenvolver esse diálogo em espaços acadêmicos. A obra *Segundo Sexo* foi lida mais propriamente como um ensaio, do que um livro com conteúdo explicitamente fenomenológico.

Mas é um processo em transformação, filósofas, como Iris Marion Young, Judith Butler, Linda Alcoff, Linda Fisher, Dorothea Olkowski, entre outras, têm desenvolvido, trabalhos que procuram demonstrar o caráter promissor do diálogo entre feminismo e fenomenologia,

ficando evidente a possibilidade de enriquecimento mútuo. Lyotard (1989) assinala que a fenomenologia estuda o conhecimento do conhecimento, sabe que tal conhecimento se reencarna em ciência, sem ignorar a raiz da qual se nutre. Para o autor, a fenomenologia tem duas faces: uma poderosa confiança na ciência que impulsiona a vontade de solidificar seus fundamentos, para estabilizar seu edifício, porém, para cumprir essa operação é necessário sair da ciência e mergulhar no que ela se submerge, desvelando o sentido fundamental ou essencial da consciência dos dados, o que é a intencionalidade.

Pretendemos então neste trabalho, no campo das ciências humanas, calcado na literatura, a partir de um ponto de vista histórico, levantar algumas reflexões sobre o conto de Allende e da intersecção entre essas duas áreas.

“Duas Palavras” foi escrito pela escritora e jornalista chilena Isabel Allende e faz parte da obra *Contos de Eva Luna*, lançado pela primeira vez em 1989, que traz uma memorável coletânea de histórias sobre mulheres, narradas sob a estética da delicadeza dentro de uma concepção social selvagem. Questões políticas mescladas ao universo lírico-amoroso, o coletivo em confronto com o pessoal, memórias, feminismo e até algumas concepções do realismo fantástico latino-americano compõem o tecido literário dessa obra.

“Duas Palavras”, talvez o conto mais representativo da coletânea, aborda o amor, a pobreza, o machismo e, principalmente, o poder feminino para manipular as palavras e usá-las como arma no enfrentamento da violência engendrada pelos homens. No conto, a narradora apresenta a personagem principal, Belisa Crepusculario, como uma jovem órfã que sobreviveu a grandes dificuldades em uma terra seca, onde os pais nem davam nomes aos filhos, pois sabiam que não iriam resistir. A escolha do próprio nome já atesta a resistência da protagonista, em um meio desacolhedor: “Tinha o nome de Belisa Crepusculario não por fé de batismo ou escolha de

sua mãe, mas porque ela própria o procurou até o encontrar e com ele se ataviou” (2009, p. 15), e é com ele que ela desmantela o sistema de poder patriarcal.

Isabel Allende cresceu no Chile em uma família de classe média e viveu as agruras de ser abandonada pelo pai em idade bem precoce. Muito jovem ainda, compreendeu que o mundo não era justo para as mulheres, o que lhe outorgou autoridade para usar as letras do próprio nome na personagem: Belisa é anagrama de Isabel.

A narrativa se desenvolve em torno de uma vendedora de palavras, oriunda de família pobre, avassalada pela morte – ela enterra os quatro irmãos – que descobre o poder da linguagem e a usa para impulsionar a própria vida. Vende insultos engenhosos, cartas apaixonadas, discursos engendrados de acordo com as necessidades da clientela. Viaja pelas cidades com o intuito de vender suas palavras por um preço justo: “Vendia a preços justos. Por cinco centavos entregava versos de memória, por sete melhorava a qualidade dos sonhos, por nove escrevia cartas apaixonadas, por doze inventava insultos para inimigos irreconciliáveis” (2009, p. 18).

Belisa se esforça para seguir a vereda das letras por considerar que além de se prostituir ou se empregar como criadas nas cozinhas dos ricos, eram poucas as ocupações que poderia desempenhar. Para uma mulher pobre e mestiça na América latina essas eram, e talvez ainda sejam, em muitos casos, as opções de vida. A protagonista quis possuir a linguagem para ser uma mulher livre e não acabar sendo objeto de homens, seja na cama ou na cozinha. Vender palavras pareceu-lhe uma alternativa decente. O que de fato lhe conferiu um lugar relevante na sociedade sem acesso ao conhecimento. A intimidade com a palavra lhe conferiu autoestima e confiança em si mesma, até se deparar com o Coronel, um antigo guerreiro, feroz em suas determinações, com o desejo pressuroso de ser presidente. O aguerrido senhor vê em Belisa a possibilidade de ter o seu sonho

pessoal realizado e utiliza o seu poder de mandante da região para subordinar a “escritora” ao autoritarismo conferido a homens que se apropriam do poder em nome da brutalidade. Belisa vê sua segurança estremecida, escreve o discurso, recebe seu pagamento e aproveita para utilizar a palavra como um recurso de sedução: oferece ao Coronel duas palavras secretas que ninguém mais poderá saber. A partir daí, as palavras passam a exercer a força da persuasão, enquanto discurso político e a força da sedução impressas nas palavras secretas.

Essa complexidade que está além da compreensão dos homens que dominam o espaço territorial, é vista como um feitiço. Uma magia que atingiu profundamente o Coronel que só consegue pensar nas duas palavras secretas, o que acaba afetando sua saúde. Ele sofre uma deterioração física pela obsessão que tomou conta de sua vida. Deixa de ser um homem forte, torna-se debilitado em função da força da paixão nas palavras ditas por uma mulher. O militar ganha o povo com o discurso elaborado por Belisa, mas não consegue esquecer a jovem. Seus homens então buscam a moça para que lhe cure o malefício e quando seus olhares se encontram, os olhos de puma do general se tornam mansos.

Peters Stearns em *A história das relações de gêneros* fala acerca dos papéis atribuídos aos homens, que também inclui determinava violência, à medida que estes impreterivelmente se vêm obrigado a assumir determinadas posições, por conta da força natural do patriarcado:

A força do patriarcado caiu sobre as mulheres, mas obviamente afetou também definições de masculinidade. Os homens, independentemente da personalidade de cada um, deveriam assumir seus papéis de dominantes. Deviam evitar mimar as mulheres, especialmente em público. Com frequência, precisavam estar prontos a assumir deveres militares ou de outro tipo de liderança e, em princípio, eram

evidentemente responsáveis pela sobrevivência econômica da família. (STEARNS, 2012, p. 34)

O conto de Allende não marca o tempo em que ocorrem os fatos, deixa apenas marcas que indicam as tensões entre homens e mulheres bastante acentuadas. Percebe-se pelas atitudes de Mulato, os homens ansiosos por preservar seu domínio, mas algumas vezes incertos sobre como isso deveria funcionar. Mulato sequestra Belisa, a prende, assusta, ameaça, em contrapartida, Coronel não comunga das mesmas atitudes para lidar com questões que lhe pareciam incompreensíveis. Talvez fossem necessários novos arranjos que possibilitassem algumas trocas entre os gêneros masculino e feminino, arranjos mais sedutores em que a atração fosse exercida em lugar da força.

Simone Beauvoir fala desse laço que une a mulher a seus opressores, não comparável a nenhum outro, trata-se de um dado biológico por isso não pode ser superado pela história humana. “A necessidade biológica — desejo sexual e desejo de posteridade — que coloca o macho sob a dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher. O senhor e o escravo estão unidos por uma necessidade econômica recíproca que não liberta o escravo” (1970, p. 14). Ao lado da pretensão de Belisa em se afirmar como sujeito, há também a tentação de fugir dessa liberdade, que teve desde o nascimento, e constituir-se como coisa, que oferecerá sua intelectualidade a serviço do homem, um caminho frustrado de valores que muito bem conhecemos.

O ato de se apropriar da capacidade intelectual das mulheres é antigo e vai de encontro ao que preconiza Allende quando coloca a intelectualidade em oposição à prostituição. Nem sempre as mulheres com potencial intelectual estiveram livres do poder do patriarcado. Rosalind Franklin, por exemplo, era uma cientista no Kings College em London nos anos 50 que pelo DNA revelou a estrutura da molécula (Rosalind Franklin Biography). James Watson e Francis Crick

se apropriaram de uma foto de seus estudos e sem que ela soubesse ganharam o Prêmio Nobel.

Gabrielle Colette, exemplo de escritora vanguardista que, em meio à sociedade conservadora de Paris no século passado, passou anos sendo intelectualmente explorada pelo marido, até o momento em que subverteu as regras do machismo da época e conseguiu seu reconhecimento intelectual. Colette chegou em Paris ao final do século XIX. Menor de idade, casou-se com o crítico e escritor Henry Gauthier-Villars. Durante o relacionamento, ele se apropriou da série de romances *Claudine*, um sucesso editorial que ela escreveu com base nas memórias de sua infância. Willy, como era chamado, escravizou sua esposa, chegando a trancá-la em seus aposentos. Ela escreveu por até 16 horas em um só dia. Em 1909 eles se divorciaram e a escritora empreendeu uma batalha legal para recuperar a autoria de seus textos.

Em “Duas palavras” a apropriação do potencial criativo de Belisa não é vista como um ato negativo e transfere para o sexo masculino a situação de dependência. O Capitão precisa de Belisa para vencer as eleições, pertence a ela a dialética do discurso. Além disso, sente-se impotente ao ter consciência de que a força seria uma arma ineficaz frente à paixão que se apoderou de seu ser. A ineficácia de seus atos violentos modifica o sentido de suas ações e, tanto ele como seus capangas, acreditam que os poderes femininos estariam ligados aos elementos cósmicos que poderiam ser sobrenaturais e desconhecidos e, certamente, não se sentiam preparados para o enfrentamento.

A domínio de Belisa não é reconhecido pelos homens como uma capacidade feminina, mas como poderes sobrenaturais contra os quais eles não podem lutar. A ingenuidade masculina, no texto, é desarmante. Uma maneira sutil usada pelos homens que tiram proveito da alteridade da mulher. Beauvoir assinala que,

Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante. Mesmo a esses, entretanto, o mito da Mulher, o Outro, é caro por muitas razões; não há como censurá-los por não sacrificarem de bom grado todas as vantagens que tiram disso; sabem o que perdem, renunciando à mulher tal qual a sonham, ignoram o que lhe trará a mulher tal qual ela será amanhã. (BEAUVOIR, 1970, p. 19)

Isabel Allende constrói sua protagonista em uma dimensão crescente, ela precisa adquirir um grau de conhecimento profundo de si mesma para enfrentar o mundo patriarcal. O que também ocorre nos outros contos de “Eva Luna” em que a consciência se dá pelos processos criativos, manuais, mentais e mais explicitamente pela escrita, meio pelo qual encontram e conhecem a natureza autêntica da mulher. A autora acompanha suas protagonistas a partir de um estado de ignorância do próprio ser e do próprio contexto em que vivem, até uma profunda tomada de consciência de sua identidade, uma autoanálise de seu “ser” e estar no mundo. Na trajetória de Belisa está o duro cotidiano da mulher de baixa classe social, a vida nas ruas, ao sucesso da formação intelectual, maturidade espiritual e ao final de tudo a realização do amor, que é a justificativa da subordinação, de aceitar o papel do invisível, da mulher que está “de trás” de um grande homem, como se diz popularmente.

Se esta personagem representa um êxito na superação das normas impostas pela ordem moral, social patriarcal, a verdadeira vitória feminista está na comparação entre os personagens. Um homem de baixa classe social tem mais possibilidades e liberdade para realizar suas ambições. A mulher, ao contrário, precisa encontrar em si mesma uma determinação e uma garra transgressora para evadir-se da condição de subordinação.

Allende, como feminista que é, sempre traz à tona situações de confronto entre os gêneros e lamenta que na literatura as mulheres sempre foram silenciadas, cita, como exemplo, na *Revista Efeminista o boom latino-americano* que não incluiu mulheres porque elas não interessavam ao mundo editorial, o que foi um retrocesso ao feminismo, o que ela considera ser “a revolução mais importante da história”. Lamenta que, enquanto mulher, foi custoso triunfar, o que seria muito mais simples se fosse um homem.¹

Em seu primeiro livro não ficcional, disponível ainda só em inglês, com o título “*The soul of a Woman*” (Ballantine books), Allende reafirma sua relação com o feminismo, a partir da infância até à atualidade, recordando mulheres que marcaram sua vida desde sua mãe Panchita, sua filha Paula até a agente literária Carmen Balcells e escritoras como Virginia Woolf e Margarete Atawood. Também reflete sobre o movimento #MeToo, as revoltas sociais recentes no Chile e a atual situação global.

Muitos estudos críticos apontam uma correlação entre a personagem Belisa e sua criadora. A própria Allende deixa marcas em seus discursos, em uma palestra, declara:

Mi oficio es la escritura. El único material que uso son palabras. Palabras... palabras... palabras de este dulce y sonoro idioma español. Están en el aire, las lleva y las trae el viento, puedo tomar la que quiera, son todas gratis, palabras cortas, largas, blancas, negras, alegres como campana, amigo, beso, o terribles como viuda, sangre, pasión. Infinitas palabras para combinarlas a mi antojo, para burlarme de ellas o tratarlas con respeto, para usarlas mil veces sin temor a desgastarlas. Están allí, al alcance de mi mano. Puedo

¹ Revista Efeminismo. “Isabel Allende: el feminismo es una revolución irreversible”, Madrid, 2020. Isabel Allende: El feminismo es una revolución irreversible (efeminista.com)

echarles un lazo, atraparlas, domesticarlas. Y puedo, sobre todo, escribirlas. (La magia de las palabras, p.447- 448)

Se, por um lado, o exercício da escritura pode ser um instrumento de transformação social e permite a apropriação do discurso patriarcal, por outro lado o mesmo processo de apropriação da palavra sobreleva o discurso como um produto ideológico masculino e caberá à mulher lutar muito para ser aceita nesse lugar. Allende, bem como sua personagem, se apropria do discurso para os próprios fins. Uma tentativa de romper e questionar as estruturas do poder, já que a palavra foi, tradicionalmente, um meio usado pelo homem para impor sua concepção ideológica da realidade e conformar essa realidade à sua imagem e semelhança.

Isabel Allende apropria-se do discurso penetrando na tradicional literatura sul-americana, onde a mulher tem um histórico de rechaçada, e a narradora do conto, Eva Luna, toma a palavra e se faz narradora de histórias: o poder dos discursos já não é exclusivamente masculino, por sua vez, Belisa Crepusculario também se apropria da palavra e a usa para transformar a sua vida e aproximar de seus desejos. O conto pode, inclusive, inscrever-se em um feminismo mágico - parodiando o realismo mágico que excluiu a participação feminina - e mostra que a palavra nas mãos das mulheres possuem qualidades mágicas e permitem encantar e domar o homem, submetê-lo aos desejos da protagonista, além de promover a transformação da realidade. Mas, o discurso feminino é enunciado por um homem no intuito de exercer a função transformadora da condição política do país.

O feminismo, seja enquanto movimento político, seja em seus aspectos teóricos, envolve uma grande diversidade de interpretações, inclusive contrárias entre si em muitos de seus elementos fundamentais. Allende, enquanto feminista foi muitas vezes criticada em função da construção de suas personagens femininas, sempre muito

mais interessadas na sedução pessoal do que na política coletiva. Belisa também dá margem para essa interpretação. O espaço íntimo povoado pelo desejo e paixão acaba suplantando o espaço público e político. A mulher acaba por se conformar com a dimensão lírico-amorosa, embora capaz de cativar o povo e exercer ela mesma o poder sobre a coletividade. O poder político, de fato, pertence a ela, é a mulher, no caso Belisa, que impõe a regra do jogo, mas é a que também aceita facilmente reproduzir os esquemas ideológicos do discurso masculino. O espaço íntimo dos sentimentos se impõe ao espaço público aberto e reconhecido do homem. Pode parecer que a mulher está exercendo o papel preponderante, mas na verdade, é nesse espaço íntimo que a mulher tem se mantido confinada no decorrer dos séculos e é nesse lugar que são implementadas as lutas para que a mulher assuma uma posição política pública.

O papel atribuído à Belisa coloca em debate a necessidade de criar novos discursos, de romper com as estruturas ideológicas discursivas masculinas, o que parece ser um debate quixotesco, com pouco resultado. Não que Allende seja antifeminista, não é o caso, a personagem assume vários valores masculino, porém, na instância íntima esses valores acabam por subverter toda a condição da protagonista quando toma o poder por meio da palavra. O discurso enunciado por ela doma e amansa o Coronel. Evidencia o poder da palavra em contrapartida à força, causando impacto, promovendo uma mudança radical na realidade rude e violenta em que Coronel e seus capangas estavam condicionados:

— Procuro-a — gritou, apontando-a com o chicote enrolado e, antes que acabasse de dizer isto, dois homens caíram em cima da mulher, atropelando o toldo e partindo o tinteiro, amarraram-lhe os pés e as mãos e puseram-na atravessada como um fardo de marinheiro sobre a garupa do cavalo do Mulato. Depois começaram a galopar em direção às colinas. (ALLENDE, 1988).

No conto, fica marcada a posição hierárquica de poderes, como a figura do Coronel que representa a autoridade nas areias do deserto, impondo medo e temor, bem como o seu ajudante Mulato. “Ambos, o Coronel e o Mulato, tinham passado a vida ocupados na guerra civil, e seus homens estavam irremediavelmente associados ao malefício e à calamidade” (p., 1988). Belisa doma a ferocidade de “puma” do coronel, mas permanece no papel de ajudadora.

Pierre Bourdieu (2017) fala dessas divisões constitutivas da ordem social, das relações de dominações e exploração que estão instituídas aos gêneros e classificam todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo as distinções redutíveis de feminino e masculino, e à mulher foi inscrita naturalmente no papel de doadora do que é oficial, público, do alto, do espetacular. Ainda que essa capacidade seja particularmente sua, é utilizada pelo homem em conformidade com a razão mítica que as levam a lidar com o trabalho contínuo, invisível, confinadas aos espaços da casa, oferecendo a infinitude de sua devoção e de seu sofrimento mudo em doação sem contrapartida possível, ou tornada em uma dívida sem resgate:

Elas estão condenadas a dar, a todo instante, aparência de fundamento natural à identidade minoritária que lhes é socialmente designada: é a elas que cabe a tarefa longa, ingrata e minuciosa de catar, no chão mesmo, as azeitonas, ou achas de madeira, que os homens, armados com a vara ou o machado, deitaram por terra. (BOURDIEU, 2017, p. 41 e 42)

Belisa Crespusculario representa a figura da mulher latino-americana em busca ainda de sua identidade, vivendo sob os preceitos do patriarcado, e que é dupla ou triplamente dominada, como as donas de casa negras, indígenas e excessivamente pobres. Representa também essa figura feminina explorada que chega à heroína, que ultrapassa montanhas e desertos, fome e sede e tantas outras barreiras

em seu percurso feminino e termina refém de uma política machista e classista, o que permite uma profunda crítica social. A verdadeira dimensão da mulher que rompe com os estereótipos tradicionais precisa estar dentro de limites mais amplos e enfrentar os preconceitos, o racismo, a violência legitimizada pela sociedade falocêntrica.

Julieta Paredes (2013), representante do Feminismo comunitário, adverte que,

Con los cuerpos marcados por el colonialismo, las mujeres hemos recorrido la historia, relacionándonos unas con otras y relacionándonos como mujeres con los varones, también. Estas relaciones, que se han dado en el contexto de un colonialismo interno, tienen por resultado un comportamiento colonial en el erotismo, el deseo, la sexualidad, el placer y el amor, por supuesto. (PAREDES, 2013, p. 54)

Fica explícito no conto as relações de poder construídas por gênero e não a colocação do mesmo em uma equidade contrarrevolucionária. O gênero masculino se constrói às custas do feminino como uma injusta realidade histórica. As mulheres só podem exercer algum poder com sua própria força de luta; ou aceitam se apagar ou negam o poder que poderiam exercer, mas que é delegado ao homem. Para Bourdieu,

as próprias estratégias simbólicas que as mulheres usam contra os homens, como as da magia, continuam dominadas pois o conjunto de símbolos e agentes míticos que elas põem em ação, ou os fins que elas buscam (como o amor, ou a impotência, do homem amado ou odiado) têm seu princípio em uma visão androcêntrica em nome da qual elas são dominadas (2017, p. 43).

É o caso da personagem de Allende, cujo encantamento é visto como malefício gerando violência física ou simbólica. A própria

personagem não percebe, ou não pode perceber, o seu ato intelectual como libertação do sujeito, ela própria, de um poder inscrito duradouramente em seu corpo sob forma de esquemas e disposições patriarcais como manifestações simbólicas do poder. O reconhecimento da dominação supõe conhecimento, o que não implica instrução, mas uma tomada de consciência contra a opacidade e a inércia que resultam da inscrição das estruturas sociais no corpo. Por meio da sedução, Belisa concede, ou aceita ser a mulher que está “por trás” do chamado “homem bem sucedido”, há um acordo implícito de que ela se manterá encerrada em uma espécie de alienação e silêncio para que o dominador desfrute dos efeitos duradouros de sua carreira pública. Bourdieu (2017, p. 53) trata o fenômeno como uma consciência dominada, fragmentada, contraditória do oprimido, ou invasão da consciência das mulheres pelo poder físico, jurídico e mental dos homens. A sociedade patriarcal exige, de maneira tácita e indiscutível, que o homem ocupe, pelo menos aparentemente, a posição dominante no casal. Para que sua própria dignidade seja atestada e aprovada muitas mulheres concordam na aceitação de uma posição dominada.

Conclusão

A reflexão sobre o tema, partindo do conto “Duas palavras” de Isabel Allende nos permite concluir que a literatura é a representação da vida e a literatura escrita por mulheres está atenta à ideologia patriarcal e denuncia, ainda que implicitamente, mecanismos de funcionamento das relações de gêneros. Durante muito tempo, a literatura escrita por homens, em sua quase totalidade, imprimiu nos textos uma visão distorcida da realidade em função dos interesses de classes e da sociedade patriarcal. O desejo das personagens femininas estava atrelado ao casamento, ao encontro indissolúvel de sexos

opostos como o símbolo de uma felicidade indestrutível. A literatura serviu não apenas como criadora, como também cultuadora dos mitos da cultura dominante. A crítica literária feminista denunciou essa tradição que consolida imagens e comportamentos que incitam as mulheres a aceitarem a subordinação como algo tipicamente feminino, além de canonizar certos textos que estão em sintonia com a ideologia dominante. Os critérios criados para o cânone literário excluíram as conquistas não apenas das mulheres como também de pessoas de outras raças, classes e opções atuais distintas das dominantes. Foi um cânone masculino, branco, burguês, heterossexual e ocidental, o que faz da escritora Isabel Allende, enquanto feminista, ser portadora dessa indignação. No entanto, Belisa Crepusculario, personagem de “Duas palavras” também cede, por amor, ao papel de coadjuvante, quando poderia ser a protagonista. Ela estava preparada para viver uma experiência íntima carregada de afetividade, sem necessariamente ser o sexo subordinado. Talvez Allende permita a personagem percorrer esse caminho secundário para mostrar a realidade da maioria das mulheres que mesmo preparadas para enfrentar a misoginia estabelecida na sociedade, acabam por aceitar a construção social naturalizada para agradar ao homem. Também nos ajuda a refletir sobre nossas utopias sobre o sistema político, nossas esperanças de, por meio do neoliberalismo, superar a divisão desigual, classista, machista.... a “igualdade e fraternidade” foi pensada apenas para homens brancos e burgueses, não houve intenção, nem iniciativas para igualar a humanidade no que se refere ao direito.

Definitivamente, é impossível não reconhecer que as obras literárias são tipos de discursos especialmente ricos, complexos em que se fundem linguagens, ideologias de classe, sexualidade, raça, gênero, além de um sistema de práticas que informa os aspectos da vida cotidiana. Ainda que essa ideologia se origine em condições particulares, evidencia valores, crenças etc. A literatura não é apenas uma interpretação do mundo, esvaziá-la de seu conteúdo político

é tentar domesticar seu caráter profundamente revolucionário que pode ser um instrumento para mudança da sociedade.

Referências Bibliográficas

ALLENDE, Isabel. **Cuentos de Eva Luna**. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sergio Milliet. São Paulo: Divisão Europeia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

AGOSÍN, M. Introducción a Isabel Allende. En: **ALLENDE, I.** “Diez cuentos de Eva Luna”. Con guía de comprensión y repaso de gramática”. Estados Unidos. TAGGART, K. M. y WOODS, R. D. (editores). Edita: Mc Graw Hill. 1994.

LYOTARD, J. F. La Fenomenología. Traducción de Aida Aisenson de Kogan. Barcelona: Ediciones Paidós, 1989.

MASSIE, Alan. **Colette – uma biografia: a mulher, a escritora, o mito**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. São Paulo: Editora Casa Maria/LTC, 1989.

STEARNS, Perer N. **Histórias das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2012.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino: desde el feminismo comunitario**. La Paz: Creative crommons, enero, 2013.